
XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

A GEOGRAFIA VIABILIZA PROJETOS DE FUTURO...

Sinthia Cristina Batista¹

Este texto apresenta o ponto de partida de uma experiência recente, desenvolvida por professores e estudantes do Curso de Licenciatura em Geografia do Litoral Norte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul junto aos professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental General Luiz Dêntice, em Tramandaí – RS². Objetiva-se compartilhar o alcance de uma reflexão coletiva e necessária para a realização dos diferentes processos de Formação Continuada de Professores no intuito de valorizar a interlocução respeitosa e frutífera entre as práticas docentes no Ensino Superior e da Educação Básica. Igualmente oportuniza discutir o alcance e as necessidades das pesquisas sobre ensino de Geografia e Educação e sua práxis, assinalando-se a necessidade de aprofundamento da análise crítica. Já no primeiro encontro, o profundo diálogo sobre a realidade escolar e vida social dos sujeitos que animam esta comunidade, viabilizou o reconhecimento coletivo de que o ensino de geografia assinala e problematiza fortemente os conflitos e as contradições vividas pela desigualdade das condições da vida no Brasil, e avança na prática social ao permitir que se constituam no processo educativo projetos de Futuro subjetivo e também objetivo, qual sejam, para os alunos, professores e a sociedade.

Palavras chaves: Ensino de Geografia; Cartografia Escolar; Futuro

Contexto do trabalho

1UFRGS/Campus Litoral Norte/Depto Interdisciplinar/Licenciatura em Geografia; sinthiacris@gmail.com;
sinthia.batista@ufrgs.br

2 Trata-se da ação de Extensão Universitária pela UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de cunho formativo, denominado “*Praticando Geografia: a alfabetização cartográfica no ensino fundamental no município de Tramandaí, RS*”. O foco do trabalho é junto aos professores dos anos iniciais do ensino fundamental, contudo participam do projeto todos os professores da escola, de diferentes áreas. São membros da equipe de trabalho: Professoras da Escola General Luiz Dêntice: Ana Claudia Tedesco dos Santos e Rosa Maria Zambelli; Professores UFRGS/Geografia Litoral - Aline De Lima Rodrigues, Guilherme Garcia de Oliveira, Lucimar de Fátima dos Santos Vieira, Ney Fett Júnior, Sinthia Cristina Batista; Estudantes do curso de Licenciatura em Geografia: Caroline Mandelli Jaques, Maria Augusta de Quadros Fabrício, Vitor Hugo da Silva Oliveira.

Realização:



XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

O projeto político em curso no país atinge marcadamente um projeto crítico para a Educação, parece esboroar-se a possibilidade do conhecer o mundo para transformá-lo. Vivenciam-se nas inúmeras reformas educacionais as tentativas de aniquilação da perspectiva crítica no processo formativo nos diferentes níveis de ensino, exigindo de todos os professores, incluindo aqueles em formação, uma ação cada vez mais próxima e efetiva nas escolas, uma vez que esta ação permite a movimentação de uma práxis educativa, em nosso caso, um saber pensar, ensinar, aprender e fazer Geografia.

Neste contexto, um grupo de professores e estudantes de Licenciatura em Geografia da UFRGS/Litoral Norte propôs junto a professores do Ensino Fundamental, debruçar-se sobre o ensino de Geografia objetivando: aproximar os professores da Escola General Luiz Dêntice do trabalho com a Cartografia escolar visando fortalecer o ensino de Geografia com vistas à apropriação social do espaço pela comunidade escolar no município de Tramandaí/RS.

Sucintamente a ação realiza-se a partir: da aproximação e troca de experiências; do debate teórico sobre o processo de alfabetização cartográfica concomitante a oficinas contemplando conceitos básicos deste processo; elaboração e realização de práticas com cartografia e ensino pelos professores da escola tanto nas séries iniciais como nos anos finais; oficinas finais com práticas de cartografia escolar utilizando tecnologias e avaliação coletiva do processo. A ação está em curso até o mês de Novembro de 2018.

A partir do relato da reunião de aproximação, que ocorreu na escola, serão apresentadas reflexões que assinalaram o ponto de partida para o trabalho. Compartilha-se o alcance de uma reflexão coletiva e necessária para a realização dos processos de Formação Continuada de Professores no intuito de valorizar a interlocução respeitosa e frutífera entre as práticas docentes no Ensino Superior e da Educação Básica, demonstrando assim a urgência de um trabalho integrado.

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

Já no primeiro encontro da ação de extensão, o profundo diálogo sobre a realidade escolar e vida social dos sujeitos que animam esta comunidade, viabilizou o reconhecimento coletivo de que o ensino de geografia assinala e problematiza fortemente os conflitos e as contradições vividas pela desigualdade das condições da vida no Brasil, e avança na prática social ao permitir que se constituam no processo educativo projetos de Futuro subjetivo e também objetivo, qual sejam, para os alunos, professores e a sociedade.

Ao assumir coletivamente esta referencia para o ensino de Geografia permite-se que toda prática de ensino a ser pensada nesta ação de extensão seja instituída de um conteúdo social e político.

O ensino de Geografia: a prática docente refletindo os desafios e possibilidades para conhecer e mudar o mundo!

Uma das premissas que orienta este trabalho é estabelecer um horizonte crítico sobre o ensino de Geografia a partir de uma apropriação do processo cartográfico não apenas como técnica de representação, mas como estratégia de conhecer; apropriar (reconhecer a dominação e a desigualdade) e transformar o espaço.

Outra premissa fundamental é valorizar o trabalho realizado na escola respeitando e analisando a vida cotidiana da comunidade escolar, sobretudo no que diz respeito às atividades realizadas para o ensino de Geografia e Cartografia, ainda que na maior parte das vezes não seja explícito aos professores que é disto que se trata. Vislumbra-se articular o conhecimento existente em suas práticas para produzir e ler mapas.

Parte-se, portanto, da necessidade em reconhecer a prática docente tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Superior (tanto nas disciplinas de Cartografia como nas de Prática de Ensino), qual seja compreender o que fazemos em nossas salas de aula e tomar consciência dos desdobramentos desta prática. O que sugere não apenas a troca de

Realização:



XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

experiências, mas a reflexão profunda sobre o processo de formação de professores no Brasil e o estabelecimento da interlocução ativa, para que as pesquisas e a formação de professores atinjam radicalmente a realidade social.

Tais referências foram compartilhadas no diálogo travado com a coordenação pedagógica da escola, que ao apropriar-se delas, sugeriu uma reunião com o corpo docente antes do início do projeto³ para a partilha das experiências vividas por eles.

Neste encontro notou-se que o corpo docente e a equipe diretiva foram receptivos à proposta, não apenas para "qualquer projeto de formação continuada", mas pautados na necessidade de discutir o ensino de Geografia. A ênfase dada nas orientações curriculares do MEC, incluindo o ensino de Cartografia explicitamente, preocupa os professores das séries iniciais por avaliarem que o trabalho com estes conhecimentos no processo de formação da pedagogia é frágil.

Contudo, o interesse pelo debate demonstrou-se não apenas por uma questão formal, construiu-se no diálogo entre os presentes a valorização do ensino de Geografia pela maioria dos docentes presentes. Sem romantizar ou idealizar, calcados na vida cotidiana da escola, emergiram falas emocionadas sobre o encantamento que o ensino de Geografia produz por permitir a criação de uma expectativa de movimentar-se no mundo; de conhecer o mundo e sobretudo, de transformar a realidade (difícil e conflituosa) que os alunos vivem.

O encantamento e desencanto de ensinar Geografia e Cartografia

³ Vale indicar que a proposta inicial teria um momento breve para a apresentação das expectativas dos professores junto ao momento de apresentação da proposta do projeto, trabalho teórico e prático (realizado em uma manhã de Sábado). Avaliou-se que devido ao curto espaço de tempo os professores não poderiam apresentar e discutir suas práticas. Assim foi concedida uma hora do encontro entre os professores que ocorre semanalmente para esta discussão.

Realização:



XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

Em um primeiro momento provocou-se os professores para expressar seus entendimentos sobre Geografia e Cartografia, desafios e expectativas, considerando que nas séries iniciais a interação dos diferentes campos do conhecimento permite ao professor ter uma visão mais ampla da formação integral do aluno.

Como assinala os trabalhos de SIMIELLI (1993; 1996); PASSINI & ALMEIDA (1997); ALMEIDA (2003) explicitou-se o entendimento de que muitas práticas pedagógicas realizadas nas séries iniciais viabilizam um processo de alfabetização cartográfica. Contudo, é preciso ter clareza de como se desenvolvem as noções fundamentais para a produção e leitura de mapas, para que o aluno torne-se leitor crítico e mapeador consciente (SIMIELLI, 1996).

Há uma crítica dos professores sobre seu processo de formação, avalia-se que o conhecimento sobre cartografia é insuficiente. Os dois professores da área de Geografia mencionaram que sabem que existem muitos mapas diferentes, mas restringem-se a apresentar aos alunos os mapas recorrentes nos livros didáticos e nos Atlas (citados por eles: mapa de População e Economia), principalmente nas séries finais do Ensino Fundamental. E no Ensino Médio o trabalho com a Cartografia é reduzido ao primeiro ano, pois muitos Livros Didáticos indicam o trabalho neste período. Ainda que desejem trabalhar com a “cartografia temática” para a realização de análises geográficas.

Reconhecem que o trabalho com a cartografia é muito reduzido, sendo a confecção de mapas realizada por meio das pinturas e cópias de mapas. Procura-se desenvolver a noção dos “limites”, o que é oceano, o que é continente, o que é um país ou um Estado. Sobretudo, localização e orientação: *“Para nós é importante que o aluno trabalhe desde as séries iniciais, para que chegue no Ensino Fundamental com uma noção do que é o mapa!(...) Chegando no sexto ano nem os limites do mapa eles pintam direito”*. Professor de Geografia dos anos finais.

Realização:



XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

A crítica do professor de Geografia sobre os alunos não diferenciarem o que é continente de oceano no processo de pintura, provocou nas professoras das séries iniciais a defesa do trabalho realizado. Somente a partir disto é que as práticas foram reveladas e análise se colocou.

Discutiu-se sobre o problema do mapa como uma abstração, uma vez que os professores avaliam que não é uma falta do trabalho deles, mas os alunos continuam sem entender o que é o mapa.

“A começar pelo mapa da sala de aula. Quando a gente vai trabalhar o bairro e o município, para eles é tudo muito longe! Tudo muito abstrato. Ainda que a gente trabalhe como vir de casa para a escola, vamos fazer o caminho, vire para a direita, para a esquerda. As dificuldades que eles têm para aprender, a esquerda, a direita. Ainda assim é muito abstrato, troca o bairro por cidade... para eles é tudo muito distante.” Professora do 1º ano, período vespertino.

Por outro lado, os alunos percebem que estão em algum lugar... Assim, a primeira questão se coloca, onde está a dificuldade: no professor ou no aluno? Porque os mapas parecem tão distantes? Não seria preciso que os alunos percebam que estão em algum lugar? E que este lugar é um dos lugares que existem, pois existem muitos outros?

“Eu gosto de ensinar Geografia. Eu vejo um encantamento nos alunos nesta questão dos mapas. A maneira mais querida assim, de prender eles na Geografia é mapas. E lugares pelo mundo! Ah, a Torre Eiffel em Paris, os monumentos, as coisas importantes que eles ouvem, falar”. Professora dos 2º e 5º anos.

Questões levantadas que remete à reflexão sobre a urgência da reforma do ensino de Geografia realizada por KROPOTKIN na virada do século XIX para o século XX, indicando a necessidade de compartilhar a aventura humana sobre a Terra, articulando os conhecimentos sobre a liberdade e a igualdade entre os homens e o reconhecimento da natureza:

Realização:



XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

Nada interessa tanto às crianças como as viagens, e nada é mais chato e menos atrativo na maioria das escolas do que aquilo que ali se batiza como geografia. (...) Mais liberdade para o desenvolvimento intelectual da criança! Mais espaço para o trabalho independente, sem ajuda por parte do professor senão a estritamente necessária! Menos livros de texto e mais livros de viagens; mais descrições de países escritos em todos os idiomas pelos nossos melhores autores, passados e presentes, nas mãos de nossos estudantes: estes pontos chave não se devem nunca perder de vista. KROPOTKIN (1986).

Viajar e conhecer o mundo são essenciais para o exercício de liberdade! Ainda que seja a partir de uma relação abstrata entre o mundo e o mapa:

“Durante o quinto ano apresentamos mapas, primeiro trabalhamos o Sistema Solar – que eles adoram! Depois a Terra, como se representa a Terra, depois o Globo, os planisférios, todas estas explicações. Depois vai para os Continentes, os oceanos. Eles adoram estas explicações. Daí a gente faz toda uma explicação do que é a água, a única coisa que é azul no mapa é a água. Na Copa do mundo a gente trabalhou muito os oceanos, do Brasil até a Rússia. A gente fez uma representação na parede do mar, que o mar é gigantesco! Os alunos não entendiam como é que o mar subia? Mostramos aos alunos que o Brasil fica ao Sul e a Rússia ao Norte (...) Depois todos os continentes; dos países; das regiões; depois dos Estados até chegar no município de Tramandaí. Até foi difícil achar um mapa de Tramandaí, né? Aí a coisa complica. Sei que no quinto ano é muito trabalhado, mapas. Mas, aí não sei o que se passa depois.”. Professora dos 2º e 5º anos.

No entanto, os professores problematizam que apesar do esforço em apresentar diferentes mapas, principalmente os mapas com os limites políticos dos continentes, regiões, estados e países quando os alunos chegam ao Sexto ano, não parece que viram estas representações. Pois ainda não aprenderam a ler mapas...

Então porque será que existe esta dificuldade de estabelecer a relação entre a cartografia é abstração e pensar que aquilo que está sendo representado no mapa é um espaço real, concreto?

“Eu penso que, na verdade minha base na pedagogia, a Geografia foi bem pequena, mas a gente tenta contemplar a idéia do entendimento da criança, do seu corpo, da sua estrutura, dentro do espaço que ele vive, como ele transforma e modifica isto. Eu tento no primeiro ano junto com a professora da tarde, nós tentamos, criar neles e resgatar como eles se sentem parte disto. E construir com eles esta identificação, esse conhecimento de si dentro do meio em que eles estão, né? A gente às vezes trabalha as coisas, mas não sabe o porque, e como

Realização:



XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

tu podes melhorar para chegar num determinado conhecimento, como esta questão da alfabetização cartográfica, penso que tudo começa muito antes. Então, acho que está questão de trabalhar o abstrato e registrar isto depois no concreto e entender o que estou fazendo, é que está faltando alguma coisa aí, lá no começo. Desde de casa, até na educação infantil e depois no ensino fundamental. Todos trabalhamos, né? Para que todos tenham um reconhecimento de si e o que é o mundo a sua volta, mas acho que este projeto será importante para que possamos ampliar este olhar. Entender como eu posso chegar ali e para que nossa aluno chegue adiante entendo o que está fazendo. Falta eles entenderem e se situarem no que vivenciam e entender neste movimento para a alfabetização cartográfica, né?”. Professora do 1º ano, matutino.

As falas dos professores e professoras evidenciam o importante trabalho que realizam e permitem uma educação Geográfica fortalecida pela apropriação da Cartografia, caberá a nós coletivamente agregar a este projeto a leitura e produção de mapas. Mas, ainda assim é preciso identificar as dificuldades e superá-las. Pelo debate levantado após esta fala, o enfrentamento da realidade social parece ser uma delas.

“Esta questão que a Ana comentou de se ver como agente transformador do ambiente que vive e tal... O tema do concurso de poesia da prefeitura este ano foi a questão de olhar a cidade e preservar, então a gente tinha que montar alguma coisa para que os alunos se vejam e tenham idéia de como preservar, tenha um outro olhar para a cidade, uma olhar de cuidado. Então a coordenadora trouxe um arquiteto que mostrou ao alunos um vídeo sobre Tramandaí. Foi muito interessante que depois todas as turmas comentavam: aí não é Tramandaí! Foram imagens de um drone, mostrando o mar, mostrando a ponte, mostrando as belezas naturais de Tramandaí. E não os bairros mais afastados onde eles moram, então eles diziam no meu bairro não é assim! Onde é que esta Tramandaí?. Eles não se enxergam, são dois pontos extremos... dentro de um contexto de cidade cuidada, é um afastamento da realidade deles, né? Saiu a regularização do bairro do Agual, de onde eles moram e eles também não sabiam disto! Mostrei para eles: olha professora eu nem sabia, vou falar para a minha mãe! Então esta questão de pensar a cidade, a realidade deles, como é importante a questão da cartografia.” Professora de Língua Portuguesa, anos finais.

Os professores então levantam uma questão fundamental: “procuro trabalhar com os alunos a partir da vida deles, né?” Assim a Geografia permite reconhecer a desigualdade do mundo que os alunos vivem, ou seja, muitos alunos ao verem sua própria cidade

Realização:



XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

representada pelo discurso do turismo não "reconhecem Tramandaí" e dizem que aqui não “tem tantas coisas bonitas”.

Os professores passaram a problematizar fortemente esta questão. Os projetos que levam os alunos para fora da escola e/ou da cidade produzem um encantamento, uma felicidade de ir ao encontro de outros mundos. Assim, os trabalhos de campo para museus, parques, hortos e até alguns pontos importantes no município permitem ampliar a visão de mundo dos alunos. E o que isto possibilita?

Caminhos para o trabalho: aumentar o mundo viabiliza projetos de Futuro!

A declaração da Professora de Matemática, anos finais: *"A Geografia permite ao aluno ver que ele pode ir para o mundo"* é um chamado doloroso e esperançoso para o real. E foi este rumo que o diálogo tomou: o mundo dos alunos, sobretudo os filhos da classe trabalhadora, é pequeno e a Geografia permite enxergar que o mundo é grande. A partir da Geografia é possível não só sonhar, mas viabilizar algum projeto de futuro...

Para tanto é preciso fortalecer uma Geografia dos lugares, que considere não apenas sua beleza cênica ou um entendimento de paisagem como forma estática do mundo que vivemos, é preciso alcançar a Geografia e também viver o mundo.

"A Geografia só fez sentido para mim quando fiquei adulto. Só depois de conhecer os lugares, viajar um pouco mais, fora do Rio Grande do Sul e até do Brasil, aí eu comecei a me interessar bastante sobre Geografia. Quando eu estava na escola e estudava pelos livros, eu não sinto saudades, era tudo muito abstrato. Começou a fazer sentido quando ficou tudo mais palpável, quando consegui ver, aprender de verdade, né? Quando era criança, ganhei um livro sobre Ouro Preto. Sempre quis conhecer aquele lugar, mas achava impossível, pelas minhas condições de vida. Mas, quando cresci pude viajar para Ouro Preto! Aquele livro, e a Geografia mudaram a minha vida!" Professor de Música.

Realização:



XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

Problematizar a pequenez do mundo da pobreza não se faz sem dificuldades. É muito triste e difícil escutar dos alunos não apenas a ausência dos sonhos ou de perspectiva, mas a aceitação da vida "como está sendo".

Os professores afirmam que os alunos conhecem o caminho para a escola e o bairro deles mesmos. Não conhecem outros bairros, outros lugares, a escola já é um outro mundo! A referência da realidade é o bairro que vivem, infelizmente aqui no litoral boa parte da periferia “depende do lixo”, há um intenso trabalho com a coleta de materiais para a indústria da reciclagem: *"Professora, o mundo é isto aqui mesmo"*. Sobretudo os alunos de outras escolas que trabalham, com realidades mais duras, reconhece-se que é preciso problematizar este mundo desigual, mas como é possível problematizar a desigualdade sem encerrar o sonho e a perspectiva? *"Como posso trabalhar o entorno da escola, que é o próprio bairro, se o entorno é lixo? É triste de ver. É uma realidade diferente. Para eles, esta escola aqui já é o centro. É tão duro. (...) Mas, não desisto dos meus alunos carentes!"*. Fala da Professora que trabalha junto aos alunos que requerem atenção especial.

Quando é possível retirar os alunos deste cotidiano, emerge a esperança.

“Quando levamos o aluno para a PUC em Porto Alegre, o brilho no olhar que eles tem, daquele choque, daquele mundo, tu não encontra naquele aluno que para ele aquilo é rotineiro, eu tenho um retorno. O aluno mais empobrecido ele não tem visão de mundo ampla, ele fica restrito aquela visão da vida de todo dia, ele não tem uma estrutura que possa fazer ver lá adiante, alguns dizem: Isto não adianta, minha vida é assim e vai ser sempre assim. Eu acho que quando sai e quando cria a partir da Geografia esta ligação para o mundo, acho que cria neste aluno uma ilusão, não, uma motivação: um dia eu posso estar lá, eu posso ir para o mundo! É importante que o aluno perceba que pode fazer outras coisas. Eu acho que nestes bairros onde é pobreza é muito grande a criminalidade muito alta, eles acabam perdendo o encanto de qualquer coisa. Neste sentido, que precisa problematizar o entorno. . (...) A questão de futuro para eles é muito pequena, o futuro é ali, o outro dia. Eles não sonham.”
Professora de Matemática, anos finais.

Realização:



XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

Neste momento da reunião os professores discutiram profundamente como a miséria que nossa sociedade produziu atingiu a todos nós. Será que retirou dos jovens e das crianças o direito de sonhar? Para alguns professores: Ah, eles sonham em ser traficantes! Para outros: Mas, a maioria nem isto sonha! Que sonhem o que quiserem, mas só a partir do sonho é que podemos problematizar o futuro.

Problematizar o entorno e o futuro, o projeto. Duas questões relevantes que apresentam a contradição entre a necessidade de afirmar e conhecer o espaço para nele combater e ao mesmo tempo negar este espaço como a única prática espacial social possível, reconhecimento fundamental para o trabalho crítico com a Geografia, pois é deste conflito que a Geografia permitirá gestar projetos de futuro.

Inúmeras falas são emblemáticas: "- Eles não se enxergam nesta cidade, porque a cidade que eles moram não é a mesma do centro!"; "- Eu prefiro ensinar eles a sonhar! Pra que mostrar a pobreza que é a realidade deles? Durante a copa, viajamos no mundo inteiro. Viajamos! Comemos comida de muitos lugares diferentes. Prefiro sonhar junto com eles. Para que mostrar tanta pobreza se já conhecem? Há um outro mundo, mas não é assim, vou pegar um avião e chegar lá. Tem que trabalhar, tem que estudar... há um caminho"; "- Professora (remetendo-se a nós da UFRGS), como faço para o meu aluno se enxergar naquele mapa? Vou trabalhar o mapa, assim pronto e eles não entendem nada!" Professora do 2º ano. Neste movimento entre o encantamento e a dura realidade, os mapas surgem como um obstáculo e ao mesmo tempo uma ferramenta da imaginação, e ainda mais podemos problematizá-lo como ferramenta nas lutas sociais!

Discutimos então que é preciso realizar uma articulação entre estes conhecimentos para ler e produzir mapas e promover a transformação social. Os mapas prontos e chapados não são concretos, pois não representem suas realidades sociais, além de que em uma determinada faixa etária não passam de ilustrações fechadas, pois suas leituras não foram paulatinamente acumuladas, reforça a professora do primeiro ano: "*Os alunos*

Realização:



XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

essencialmente não se sentem parte do mapa. (...) Para nós pedagogas a Geografia é ensinada em apenas um semestre e a cartografia não nos parece alguma coisa possível de ser feita. Precisamos desta articulação dos conhecimentos para poder ensinar Geografia". Corroborar a professora de Prática de Ensino: *"Para nós docentes na universidade uma disciplina de 68 horas não permite abarcar todos os conteúdos da Geografia. Precisamos trabalhar mais".*

Importante dizer que os alunos não estão destituídos de sua espacialidade, ao contrário, eles vivem na rua e conhecem muito bem seu entorno. Tem autonomia! Os professores discorreram longamente sobre a perspicácia daqueles que vão e vem de escolares, sabem cada parada dos amigos, ensinam os motoristas novos e conhecem muito bem seu "entorno" e trajetos.

Aliado ao enfrentamento da dura realidade social dos alunos, vale assinalar que apesar do esforço da comunidade escolar, o Estado não combate as condições precárias de trabalho na escola que se coloca como um empecilho permanente. Seja na ausência das condições materiais, seja na disponibilidade de tempo para elaboração de propostas de ensino, seja na baixa remuneração e alta carga de trabalho nas escolas, bem como a dificuldade de fazer trabalho de campo. Ainda assim, inúmeros trabalhos se realizam no dia a dia e nesta conversa breve a tomada de consciência do caminho que se segue na prática escolar pouco a pouco: *"Outro dia fiz com os alunos um mapa da classe. Com os do segundo ano. Tive que fazer, porque estava terrível o comportamento da turma. Cada um tinha uma carteira desenhada do lugar onde deveriam sentar-se. Então eles pegavam o mapa, tirava da parede e via onde deveria sentar-se. Teve um aluno que demorou para se localizar e não se achava. Daí fiz ele subir na cadeira e olhar a classe de cima. Pronto, se achou!"* Professora dos 2º e 5º anos.

Realização:



XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

Estas reflexões apontam não só as que questões estão colocadas para o trabalho, mas um rumo! E ainda: que a cartografia ao desenvolver-se busca conhecer a Terra ao mesmo tempo em que ao representá-la permite apropriar-se do espaço e/ou dominá-lo.

OBRAS DE REFERÊNCIA

ALMEIDA, R. D. de. (Org.) Cartografia Escolar. São Paulo: Contexto. 2007.

ALMEIDA, R. D. de., PASSINI, E. Y. O espaço geográfico: ensino e representação. São Paulo: Contexto. 1999. 7 ed.

ALMEIDA, R. D. Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola. São Paulo: Contexto, 2003.

KROPOTKIN, Piotr. O que a Geografia deve ser. Trad. José W. Vesentini. São Paulo: AGB, 1986.

PASSINI, E. Y. Alfabetização Cartográfica e a aprendizagem de geografia. São Paulo: Cortez, 2012.

SCHAEFFER, N. O. Um globo em suas mãos – práticas em sala de aula.

SIMIELLI, M. E. Geoatlas. São Paulo: Ática, 2000.

SIMIELLI, M. E. Primeiros Mapas. São Paulo: Ática, 1993.

SIMIELLI, M. E. Cartografia e ensino: Proposta e contraponto de uma obra didática. Universidade de São Paulo (Livre Docência), 1996.

SIMIELLI, M. E. Meu espaço; Meu tempo. Geografia. Livro didático 1 ao 5. São Paulo: Ática, 2007.

Realização:



XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

SITES PARA PESQUISA

CARTOGRAFIA ESCOLAR: <http://cartografiaescolar.blogspot.com/>

SALTO PARA O FUTURO: <http://tvbrasil.ebc.com.br/saltoparaofuturo/episodio/cartografia-escolar>
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ:
<http://www.geografia.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=10267>

Realização:

